

## ÍNDICE

### PARTE I

I	Quando o caos triunfa. . . . .	13
II	Perdidos em Petrópolis . . . . .	27
III	O último dia da minha vida . . . . .	33
IV	A última viagem é sem passaporte. . . . .	37
V	Versos para Tem-tem . . . . .	45
VI	Breviário de nossa pequenez. . . . .	49

### PARTE II

VII	No ano da borboleta. . . . .	57
VIII	O desconfiado Jeremias . . . . .	63
IX	A noite das brumas . . . . .	69
X	Se ainda há vida ainda não é finda. . . . .	81
XI	Assalto ao bangalô . . . . .	93
XII	Rua Gonçalves Dias, 34, Petrópolis . . . . .	99
XIII	Apontamentos para um <i>Diktat</i> . . . . .	103
XIV	Lotte: pedaços de um diário . . . . .	111
XV	Estranho silêncio . . . . .	119
XVI	Outros mistérios. . . . .	129
XVII	Lotte talvez esteja aqui. . . . .	135

*Stefan Zweig refugiou-se do holocausto no Brasil  
Suicidou-se, mas, antes de morrer, escreveu Brasil,  
País do Futuro.*

*«O que Walt Whitman viu/ Maiakóvski viu/ Outros  
viram também/ Que a humanidade vem/ Renascer no  
Brasil!// Teddy Roosevelt viu/ Rabindranath Tagore./  
Stefan Zweig viu também».*

JORGE MAUTNER e GILBERTO GIL, *Outros Viram*

## I

### QUANDO O CAOS TRIUNFA

*«Além disso, o que a tudo enfim me obriga,  
É não poder mentir no que disser,/ Porque  
de feitos tais, por mais que diga,/ Mais me há-de  
ficar inda por dizer.»<sup>1</sup>*

A ordem fracassou. Nem todos sabem, mas fracassou! Não apenas aqui. Fracassou no mundo inteiro. Eu sou um dos poucos que sabem dessa verdade fatal. Eis meu desespero.

É preferível a injustiça à desordem, como dizia Goethe em momentos de grande lucidez, nele tão frequentes e em mim tão raros. Por isso, levanto-me cedo, por volta das cinco da manhã e, depois de ordeiras abluções, aprendidas ainda na infância, arrumo a mesa, ponho a pequena xícara à direita, sobre o pires, os dois ao lado do pratinho maior, ladeio o conjunto com a faca, a colher grande, a colherzinha. Dois copos à frente. Um para o iogurte, outro para a água morna. Esta deve ser tomada primeiro, como aprendi em Confúcio, a quem foi creditado outro dia por um frequentador argentino do bordel

---

<sup>1</sup> Essa e as epígrafes de cada capítulo são todas de Luís Vaz de Camões, poeta que Stefan Zweig muito admirava e de quem traduziu para o alemão os versos de que mais gostava. Menos uma, a ele atribuída por outrem, porém apócrifa.

Cama Redonda o princípio da confusão. Ajudou-o na mistura a pronúncia assemelhada, Confúcio e *confusión*, que ele pronuncia «Confución», naturalmente.

Enquanto sou mordomo e governanta de mim mesmo, a água ferve, passa pelo pó e espalha sobre a pequena peça da casa o aroma inebriante da bebida que tantas saudades me dá de Viena, a capital mundial não do café, mas dos cafés.

Lotte está dormindo e se levantará mais tarde. A meu pedido, deixou arrumada no cabideiro da biblioteca a roupa do dia seguinte. Assim não faço muito barulho ao levantar e me vestir. Algum rumor sempre há onde há vida. Apenas os mortos são silenciosos. Os vivos são sempre buliçosos e incomodam muito uns aos outros. Os mortos não incomodam ninguém. Meu sonho é um dia não incomodar mais ninguém.

A alternativa — livrar-me de todos os que perturbam — é privativa do tirano que hoje varre a Europa com seus exércitos, com suas guerras, tão rápidas quanto devastadoras. Esse negócio de que a fruta não cai muito longe da árvore é tudo conversa fiada. Hitler, Freud, Wittgenstein e o inquieto compositor de *A Clemência de Tito*, e eu, todos somos austríacos.

O filósofo na estante, o tirano bem longe de mim, João Crisóstomo rodando ali na vitrola, bem baixinho, para não acordar Lotte. Os pais souberam escolher bem uma das primeiras coisas que não escolhemos para vir ao mundo: o nome. Fizeram um puxadinho no nome do filho e pespegaram Teófilo, depois dos dois nomes cristãos e do nome do avô. Nome tão bonito o desse amigo de Deus. Deve ter influenciado o talento, a criação, a arte, que toda arte tem origem divina, como diz Lotte, que, como todo mundo, a ele se refere com o nome popular de Amadeus. Eu ainda prefiro Gottlieb!

Têm algo de sobrenatural e de transcendente as palavras! Amadeo e Amadé, as variantes que ele usou, não dizem a mesma coisa. A clemência é tão mágica como a flauta, mas mais difícil de executar. E, assim, mesmo os que gostam dele preferem *A Flauta Mágica*,

*As Bodas de Fígaro, Don Giovanni.* De *A Clemência*, apenas Lotte e eu gostamos, mas agora ela dorme. Desprezaram o gênio Mozart em Salzburgo e em Viena. Talvez por não o suportarem. O inteligente e os bobos são feitos do mesmo material, vivem nos mesmos lugares, mas não fazem as mesmas coisas. Os atentos e os desatentos veem e ouvem as mesmas coisas, mas tiram conclusões diferentes e as aproveitam de modos diferentes. Acho que foi em Swedenborg que li que o céu está proibido aos bobos, não aos maus, porque deixar de admirar a obra do Criador seria intolerável.

Tem-tem-de-dragona-vermelha também está ouvindo a ópera. Eu, de pijama ainda, mas ele já amanhece uniformizado. Em alguns trechos, percebendo algo que me escapa, Tem-tem produz um chilrear sonoro e violento. Vai acabar acordando Lotte. Onde pus o cardamomo? Dá um gostinho tão singular ao café!

«*One man in his time plays many parts*», como disse Shakespeare! A parte que cabe ao pássaro, desconheço. Apenas aprecio sua companhia, nós dois presos, cada um na sua gaiola. Para Tem-tem as portas abertas podem matá-lo. Para mim são as portas fechadas que me matam. É verdade que, como ao pássaro, também a mim arrebatam. Se eu, cruel, cegar Tem-tem, ele poderá viver solto aqui dentro de casa e cantará ainda mais afinado. Perdido um sentido, os outros se aperfeiçoam. Ele não verá nada do maravilhoso mundo para além destas paredes, mas em compensação vai ouvir muito mais, mais coisas, discernirá os tristes sustenidos e bemóis da realidade que me envolve e asfixia. Aqui é o fim de tudo para um homem nascido e criado na bela Europa do fim do século XIX.

Faz quatro dias que terminou o carnaval. Foram tantas viagens. Seis anos para lá e para cá, mas aqui mesmo foi apenas um. Já fizemos viagens que duraram sete meses. Do que fugimos? É hora de fazer a última. Aquela da qual jamais alguém retornou.

O silêncio também conta. Quando ele irrompe na música, ouço o chiado da respiração de Lotte. A asma também parece um canto. Dispneia paroxística sibilante, disse o médico. Vieram-me à cabeça

ainda no consultório as cinco sibilas de Michelângelo, cujos nomes esqueci. «*Dies irae, dies illa, / solvet saeculum in favilla, / [...] // Quantus tremor est futurus, / quando iudex est venturus, / cuncta stricte discussurus!*». Amém. Desses versos, sempre me lembrarei. Sempre recordo o que ainda não aconteceu, é assim que eu sou. Mistérios. Meu nome é Stefan Zweig. Não posso ser Estevão Ramos, meu nome em alemão, já que não vivo traduzido! Serei sempre judeu-alemão, como gato que nasce no forno e não é biscoito.

Quem seria aquele menino que, em vez de olhar para a câmara, olhava para mim quando o professor Tabak organizou a turma para Wolf Reich tirar a foto quando visitei a escola judaica no Rio?

Lotte ainda dorme. Tomo meu café. Daqui a pouco chega o jornal. Só trará o que eu já sei. Todas as notícias são tristes. Que dia! Mas amanhã não lerei jornais, não sentirei frio nem calor, não farei café, não apreciarei Mozart, mas principalmente não ouvirei a asma de Lotte. Será que ela vai cumprir o trato? Nem Tem-tem poderá me dizer. Já não poderei ouvir mais nada.

Preciso acordar Lotte, falar com ela, dialogar de qualquer jeito, sentar, conversar, depois quem sabe sair à rua, respirar a mesma asma que a asfixia. Quando será que vou te ver sorrindo de novo, Lotte querida?

Nos últimos tempos, o que mais vejo no seu rosto são pesadas nuvens. Outro dia lhe disse: «Você pensa que apenas árvores e dentes têm raízes? Nós também!».

Falei isso porque ela parece apenas suportar, sem aceitar o jeito brasileiro de viver. Mudanças transplantadas tornam-se árvores frondosas, não importa de onde tenham vindo. Dão sombra, flores, frutos, berço e ataúde e são quase sempre derrubadas, nem sempre pela mão do ser humano, pois temos as tormentas, os furacões, os grandes desastres naturais e aquelas tragédias, esperadas ou não, que irrompem com a violência que lhes é própria, como esta que agora se abateu sobre nós. Mas por que não podemos ser como as árvores, ao menos nesse particular?

A guerra, a terrível guerra, mata milhões na Europa, mas os brasileiros parecem alheios a isso tudo. Um amigo pediu-me uma sugestão de mote para uma canção; ele me disse que só precisava da letra, a música ele já compôs. Pedi que a assobiasse, e ele não se fez de rogado. Percebi que, pelo metro, a melodia, os versos poderiam ser do maior poeta que a língua portuguesa já teve.

Ele ficou muito contente e me disse: «Diz, diz, diz quais». E eu declamei animado, com emoção na voz, embora ele, claro, achasse engraçado o meu sotaque: «No mar tanta tormenta e tanto dano/  
Tantas vezes a morte apercebida;/ Na terra, tanta guerra, tanto engano,/ Tanta necessidade aborrecida!/  
Onde pode acolher-se um fraco humano,/ Onde terá segura a curta vida,/ Que não se arme e indigne o Céu sereno/  
Contra um bicho da terra tão pequeno?».

Esperei os elogios porque, sendo estrangeiro, trouxe à lembrança não um escritor alemão, mas um escritor português para falar de guerra, da mesma guerra que o ser humano trava desde tempos imemoriais, com pedras, tocos de pau, espadas, canhões ou bombas, mas sempre a mesma. E até me inclinei depois de recitar os versos de Camões.

Mas ele, sempre debochado, veio com estas palavras:

— Doutor — ele só me chama de doutor —, o senhor anda muito, como é mesmo a palavra que o senhor disse que o definia?

— Quando? Preciso saber a data ou a situação para localizar na memória a palavra que você quer reouvir.

— Reouvir? Por que não diz ouvir de novo, doutor? Reouvir! Isso lá é palavra de um homem elegante como o senhor, doutor? Reouvir! Quem reouve? As putas do cabaré Cama Redonda reouvem, já que ouvem todos os dias as mesmas coisas, tipo «quanto é?». Tudo na vida tem um preço, não é mesmo, doutor? Aliás, isso também foi o senhor quem me ensinou, esse lado comercial da vida. Isso de que tudo tem um preço pode até ter, mas nem sempre se paga. — E ele deu uma gostosa risada.

E continuou:

— A palavra que eu quero ouvir foi aquela em que o senhor se definia e que acabei esquecendo. O senhor disse primeiro em alemão, essa língua morta que o senhor insiste em falar e escrever, e agora ainda esqueço essa palavra que nem sequer foi pronunciada na sua língua, mas naquela que o senhor adotou ou foi por ela adotado, o doutor já anda confundindo muito minha cabeça...

— *Widerlich* — eu disse, gaguejando, também eu esqueci a palavra que ele queria lembrar.

— Não, não era essa, doutor, era outra, inclusive. O senhor disse... como é mesmo? Vida no lixo?... era muito mais forte que essa... como é mesmo?

— *Widerlich* — eu repeti.

— Essa aí — ele retomou, incapaz de pronunciar. — O senhor disse na ocasião que só era «vida no lixo» no cabaré, talvez, mas que o senhor aquele dia estava sendo... puxa vida!... como fui esquecer, achei a palavra tão bonita! Ah, lembrei! Eu jamais esqueceria uma palavra como aquela.

— Então diga — ordenei —, diga a palavra que eu disse e da qual me esqueci.

— Esqueci de novo! O senhor pode me interromper sempre, é seu direito, mas, quando me interrompe, saiba que depois demoro a retomar o assunto, o fio da meada, embora nem eu, nem o senhor bordemos.

— É o que mais fazemos com as palavras: bordar!

— Doutor, deixe as profundezas onde o senhor sempre está, com esse olhar de peixe morto, e venha ser ao menos peixe vivo aqui em cima, venha à tona, doutor!

— Lembrei agora — eu disse a ele. — A palavra não era *widerlich*, era...

— Em alemão de novo, não, pel'amor de Deus, é uma língua morta. Abandone essa língua, doutor, diga em português. O senhor

não sabe como eu rio por dentro, sem perder o respeito, é óbvio, mas quando o senhor fala português, *o senhor ficar muito engrazado*.

— Está bem — eu disse. — Eu lhe disse outro dia que eu andava muito sorumbático.

Então ele ficou muito alegre, saltou da cadeira, pegou o violão e começou a tirar uns acordes muito melodiosos.

— Sorumbático é tu, sorumbático é tu, que tem cara de tatu. E continuou:

— «No mar tanta tormenta, tanto dano», não. Deixe o mar pra lá; o mar atrapalha muito, ele é bom só para a gente olhar. O senhor sabe como ele fazia com os antigos navegadores, ele e o vento, porque o mar e o vento são irmãos gêmeos, levavam os barcos para onde os navegadores não queriam ir, de repente aqueles que não morriam afogados aportavam numa terra desconhecida e eram comidos vivos, doutor, cada um dos selvagens tirava um pedacinho de cada visitante para experimentar, ainda antes de cozinhar os próximos.

Foi assim este pedaço de conversa com ele, que desta vez, mas só desta vez, não falou de sexo.

E neste carnaval os grandes temas foram outros. Milhões — milhões! — de jovens perdendo a vida em campos de batalha, bombas caindo do céu por toda a parte, torpedos subindo de submarinos para afundar navios lotados, cadáveres por todos os cantos do universo, e os brasileiros mais pulavam que dançavam para acompanhar um tipo de sacolejo que eles chamam «limpa-banco» porque ninguém fica sentado no salão, basta sair quase caminhando, ou melhor, troteando pelo salão. Como o nome diz, trata-se de uma marchinha.

Os brasileiros não querem saber de guerra. No meio de tanta carnificina, eles escolheram outros temas com que se preocupar. E um deles, imaginem, foi a falta de cabelos. Isso mesmo, a calvície; se eu contar a meus amigos europeus, vão dizer que estou mentindo, mas eles cantaram todas as noites estes versos: «Não precisa

ter vergonha/ Pode tirar seu chapéu/ Pra que cabelo?/ Pra que, seu Queirós?».

Até pensei que estariam homenageando Eça de Queirós, mas o nome era invocado apenas para rimar com o verso seguinte: «Agora a coisa está pra nós». E prosseguiram: «Nós, nós os carecas/ Com as mulheres somos maiorais/ Pois na hora do aperto/ É dos carecas que elas gostam mais».

No salão, carecas e cabeludos cantaram o grande tema que preocupava os brasileiros: a calvície. E a seguir emendavam: «Nega do cabelo duro/ Qual é o pente que te penteia/ Qual é o pente que te penteia/ Qual é o pente que te penteia, ô nega».

E, em vez de chorar o desaparecimento do mundo, eles passaram o carnaval lamentando o desaparecimento da Praça Onze: «Vão acabar com a Praça Onze/ Não vai haver mais Escola de Samba, não vai/ Chora o tamborim/ Chora o morro inteiro/ Favela, Salgueiro/ Mangueira, Estação Primeira/ Guardai os vossos pandeiros, guardai/ Porque a Escola de Samba não sai// Adeus, minha Praça Onze, adeus/ Já sabemos que vais desaparecer/ Leva contigo a nossa recordação/ Mas ficarás eternamente em nosso coração/ E algum dia nova praça nós teremos/ E o teu passado cantaremos».

É muito difícil entender o Brasil. No carnaval cantaram muito também uns versos que, a princípio, nem acreditei fossem de um autor comunista. Não tenho coragem de sequer assobiar os versos perto de Lotte, pois ela ficou indignada quando ouviu pela primeira vez; depois, foi-se acostumando: «Ai, meu Deus, que saudades da Amélia/ Aquilo sim é que era mulher// Às vezes passava fome ao meu lado/ E achava bonito não ter o que comer/ Quando me via contrariado/ Dizia: “Meu filho, que se há de fazer?”/ Amélia não tinha a menor vaidade/ Amélia é que era mulher de verdade».

Lotte! Não sei como fui me apaixonar por ela! No começo, apenas o encanto feminino, o eterno feminino, como dizia Goethe, ele também apaixonado por uma subalterna. Foi acaso encontrá-la ou foi destino?

No frescor dos 20 ou 30 anos, o acaso sempre parece destino; mais tarde aprendemos que vivemos do modo como sempre desejamos, ainda que desconhecendo que desejávamos exatamente aquele modo. O verdadeiro caminho é determinado de dentro para fora: se meu coração está em desordem, em desordem estará o mundo também, e se meu coração está arrumado, a desordem do mundo não me afetará, ainda que pareça afetar-me.

Nossos desejos mais profundos acabam por encontrar os caminhos que sempre imaginamos, é em direção a eles que somos levados, e se não quiséssemos chegar ali, teríamos de ter mudado muito antes. Eu mudei para chegar aqui, para me enterrar nesta cidade serrana, Petrópolis, cujo nome homenageia um imperador a serviço de escravocratas. O fato é que todos nós temos um objetivo invisível, e é para lá que rumamos. Precisamos descobrir qual é esse objetivo e, se for o caso, alterá-lo.

Os presentes dos deuses sempre me assustam; é um medo secreto, mas é aterrador. Ninguém percebe o quanto esse pavor me angustia e oprime, mais do que a asma aperta o peito de Lotte, mas o fato é que vivo louvado e apavorado neste país. A qualquer momento tudo pode desabar, então eu decido a hora para não me assustar ainda mais. Ouço barulhos. Deve ser Lotte acordando. Quem sabe deixe o quarto de dormir e de morrer e ainda tome o segundo café comigo.

Quem diria! O livro que escrevi em 1913, *Medo*, publicado em 1925, dava título ao que eu passaria quase 30 anos depois. Fui profeta de mim mesmo. Aos poucos fui construindo o dia de hoje. Cada dia era pedra que eu empilhava sobre o peito. Quando Frederica recusou-se a morrer comigo — «se você quer morrer, morra sozinho, não precisa de minha ajuda para isso» —, percebi que os cuidados que tínhamos em não tomar o mesmo avião era uma coisa já sinistra e agourenta.

O que adiantou? Um dia, viajando com Lotte, deixo minha amada no hotel, desarrumando as malas, e quem encontro no consulado

britânico em Nova York? Frederica e a nossa filha Susi! Minha ex-mulher achou que era uma coisa mística, as transcendências das quais tanto falava. Vivia me lembrando que nossas lembranças tinham criado vínculos para a vida inteira. E estava certa. Ali em frente ao elevador, numa cidade de sete milhões de habitantes, viajando clandestinamente, encontro aquela a quem tinha abandonado e a quem jamais procurava. A vida é assim: encontramos o destino nos caminhos que tomamos para evitá-lo.

Todos aqueles que muito se esforçaram para fugir da morte na Europa, uma vez salvos, deveriam arrepender-se. Viver deve ser mais natural. Se vem a morte, que venha, ela também é natural. Muitas vezes terão motivos de arrepender-se de estarem vivos.

A vida é muito injusta, mas não com todos. Foi injusta com Colombo, que descobriu a América e não pôde dar seu nome ao continente porque não sabia o que tinha realmente descoberto. E foi excessivamente generosa com Américo Vespúcio, que não descobriu nada e deu nome ao Novo Mundo pelo simples fato de tê-lo registrado como tal. Foi assim também com os Evangelhos. Não fossem eles, Jesus nem teria existido. Não é por outro motivo que narro sem parar, conto tudo de novo, escrevendo sempre o mesmo livro, ainda que com títulos, personagens e tramas diferenciadas. Mas eu não sou propriamente um *Schriftsteller*, talvez nem um *Dichter*, apenas um *Schreiber*. Todavia, *Schreiber* jamais quis ser, embora o Destino fizesse isso de mim. Garanto que, depois de morrer, os que cuidam de pessoas e de coisas mortas vão mandar fazer uma plaquinha em que se dirá: «Nesta casa morou e nela se matou o *Dichter* Stefan Zweig». Narrador e escritor, não. Apenas autor ou poeta, como quiserem entender.

Mas os narradores não apenas sempre triunfam como também inspiram os outros. E não podem ter ética no seguinte sentido: não podem saber de onde vem o dinheiro que os edita, quem derruba árvores para fazer papel. Américo Vespúcio escreve cartas de agradecimento a Lorenzo Il Popolano, um dos Médicis, agradecendo

a ajuda, como fez Colombo com os reis católicos, mas Thomas Morus vai inspirar-se em Vespúcio, não em Colombo, para escrever sua *Utopia*. É que a carta do narrador florentino circulou por toda a Europa, enquanto das cartas do genovês somente se soube muito tempo depois. Ideias precisam de divulgação! *Die Angler and der Seine* é muito melhor do que *Brasil, País do Futuro*. Mas os pescadores, de águas turvas ou claras, precisam que se saiba deles.

Você sempre pensa, ao começar um novo dia, que a vida vai ser melhor nesse outro começo, mas às vezes, ou quase sempre, o dia anterior foi melhor. E sobretudo a noite. É o que vale também para essa guerra. Eu sofro muito mais do que os outros porque percebo, sem saber dizer por que, que amanhã será pior. Vamos perder a guerra, mas, se ganharmos, até a vitória será incômoda e talvez ainda pior do que a derrota!

Meu Deus, Lotte está demorando a acordar. Mais do que o habitual. Terá partido antes do combinado?

Epa! Justamente no dia em que vou morrer surge esta feridinha nos meus lábios. Irrompeu esta noite, fruto do cansaço de viver, certamente. Viver cansa! Poucos percebem, mas cansa! E às vezes cansa muito e a alguns mais do que a outros.

Aproveitando que Lotte está dormindo, vou ler um pouco. Preciso aprender esta língua portuguesa, que é doce, mas é também difícil e sem objetividade. Tudo é ou não é, depende da situação. Os brasileiros dizem «pois não» quando concordam e «pois sim» quando discordam. Mas esse «pois sim» é dito com especial entonação, e é o modo de dizer, não as palavras, que lhes fixa o exato significado.

Alguém disse que o Padre Vieira é muito chato. Então deve ser bom. Um agradável ignorante me ensina muitas coisas, sobretudo a leveza de viver irresponsavelmente, mas nada me ensina dos letrados brasileiros, que tantos dizem admirar.

Para compensar os boquirrotos brasileiros, vou ler este sermão de Vieira sobre o mais silencioso santo da cristandade, São José. Mais

silencioso do que ele, impossível, pois jamais disse uma só palavra. Ou melhor, todas as que lhe são atribuídas não têm a certificação dele, não é ele mesmo que as profere. O sermão de São José, que agora vou ler, foi pregado na Capela Real, em 1642, há exatos trezentos anos! Gosto de efemérides! Sabemos o mês e o dia porque era aniversário de Dom João IV, o Encoberto. Ficou ali encoberto o tempo todo, como que protegido, para na hora certa restaurar a independência de Portugal, então sob domínio da Espanha desde 1580, devido à morte de Dom Sebastião, que não deixou herdeiros. Morreu na batalha de Alcácer-Quibir, na África, enfrentando os exércitos mouros de uma forma completamente desorganizada, numa gritaria, numa furiosa gritaria, já que os portugueses achavam que estavam destinados a vencer de qualquer modo. Então pra que estratégia? No fim nem o cadáver do rei foi encontrado. E ainda assim serviu de bom pretexto para dizerem depois que ele apenas se encantou para voltar mais tarde. Quando? Ah, esses prazos, quem os controla? Podem durar a vida inteira.

Meu cadáver vai ser encontrado onde sempre lutei, nesta casa, ali no quarto, na cama ao lado da qual está a outra onde Lotte ainda dorme. Será que ela cumprirá o trato e se matará depois de me dar o Veronal? As mulheres são sempre muito astuciosas, mesmo as mais simples. Frida, quando a convidei para morrer comigo — eu não queria pronunciar a palavra *Selbstmord*, por achá-la muito forte e pouco precisa, já que não morreria por minhas próprias mãos, antes ordenaria que me matassem, e, portanto, *Selbstmord* não designaria precisamente o ato —, saiu-se com esta: «Por que você precisa de mim para morrer?». E olhando-me com aqueles olhos que sempre me pareceram gelados, acrescentou com voz grave, quase masculina, fortíssima: «Você não precisa de mim nem para viver».

Com Lotte será diferente! Ela está acostumada a fazer tudo o que eu ordeno que faça. E quando faz o que não mandei, são apenas coisas involuntárias, como tossir, gemer, queixar-se, sofrer, amuar-se aí pela casa. Sempre gostei de tirar-lhe a roupa, dando-lhe uns

apertões nos peitos, principalmente no escritório, depois de trabalhos de secretaria, mas já faz algum tempo que aqueles verões se foram. Agora tudo lhe dói. Dói mais em mim essa recusa de dores sem fim! Os peitos doem, as pernas doem, a barriga dói, a cabeça dói, tudo nela dói. Ela, jovem, cheia de dores. Eu, velho, cheio de saúde! Que paradoxo!

Vieira é gênio. Já começa o sermão com o único tema que realmente interessa, como disse Camus: se o melhor dia é aquele em que nascemos ou aquele em que morremos. Eufemismos. A questão é: quem já não pensou em partir desta para outra vida, não por seus próprios meios, mas de sua livre vontade?

Ouçõ barulhos. Deve ser Lotte acordando. Quem sabe ainda toma o segundo café comigo. Ou terá partido antes do combinado? Toda mulher esconde uma ou muitas coisas do homem com quem vive. Talvez Lotte esconda apenas uma. Mas qual será?